

Portas abertas, portas fechadas: a trajetória feminina na Academia Brasileira de Letras

Open doors, closed doors: the career of women in the Brazilian Academy of Letters

Ana Maria Portela Santos

Resumo: Fundada no ano de 1897, a Academia Brasileira de Letras delongou 80 anos desde sua fundação, para ter uma de suas cadeiras ocupadas por mulheres, fato que só foi alterado em 1977 com a eleição da escritora Rachel de Queiroz. Nesse sentido, o presente trabalho tem por intuito discorrer sobre a trajetória de inclusão feminina na ABL. Para efetivação deste objetivo, escolhemos quatro escritoras que ponderamos ser representativas para o corpus desta pesquisa: Júlia Lopes de Almeida – única mulher a participar da criação da Academia, Amélia Beviláqua – primeira escritora a pleitear uma vaga na instituição, Rachel de Queiroz – primeira literata a ser eleita e Nélida Piñon – primeira mulher a ser presidente da ABL. A análise será feita à luz dos conhecimentos sobre as autoras citadas, literatura feminina, presença de mulheres na Academia Brasileira de Letras e outros estudos que possam abranger esta pesquisa. Para melhor embasamento teórico, serão utilizadas as discussões teóricas de autores como: Hollanda (2019), Fanini (2009), Gomes; Celi (2018), Mendes (2006), Lima (2017), Bernardino (2018), Silva (2014), Duarte (), Mello (2011), Quintana (2011).

Palavras-chave: Academia Brasileira de Letras. Escritoras. Literatura feminina

Abstract: Founded in 1897, it took 80 years for the Brazilian Academy of Letters to have one of its chairs occupied by women, a fact that was only changed in 1977 with the election of writer Rachel de Queiroz. With this in mind, the purpose of this paper is to discuss the trajectory of women's inclusion in the ABL. In order to achieve this goal, we have chosen four writers who we consider to be representative for the corpus of this research: Júlia Lopes de Almeida - the only woman to participate in the creation of the Academy, Amélia Beviláqua - the first writer to apply for a place in the institution, Rachel de Queiroz - the first literary woman to be elected and Nélida Piñon - the first woman to be president of the ABL. The analysis will be made in the light of knowledge about the authors mentioned, women's literature, the presence of women in the Brazilian Academy of Letters and other studies that may cover this research. For a better theoretical basis, the theoretical discussions of authors such as Hollanda (2019), Fanini (2009), Gomes; Celi (2018), Mendes (2006), Lima (2017), Bernardino (2018), Silva (2014), Duarte (2016), Mello (2011), Quintana (2011) will be used.

Keywords: Brazilian Academy of Letters. writers. Women's literature.

Considerações iniciais

Fundada na cidade do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras foi idealizada por um grupo formado por escritores e intelectuais brasileiros que já gozavam em sua ampla maioria de algum prestígio social e que ambicionavam criar uma academia nacional baseada no formato da Academia Francesa. De acordo com El Far (2000), as discussões que levaram a criação da Casa de Machado de Assis, iniciam-se no

final dos anos 1880 e início dos anos 1890, onde diversos escritores engajados na inicial profissão das letras almejavam estabelecer um novo padrão de sociabilidade literária.

Dessa forma, algumas agremiações literárias foram sendo criadas, como informa Oliveira (2009), a exemplo do Grêmio de Artes e Letras (1887), a Sociedade dos Homens de Letras (1890) e, anos depois, as reuniões na Revista Brasileira, que deram origem à Academia Brasileira de Letras.

Entre inúmeras reuniões, conforme **Anuário (2012-2017)** da ABL, três reuniões são de extrema importância para criação da instituição, a realizada no dia 15 de dezembro de 1896, na sala da Revista Brasileira onde Machado de Assis foi aclamado presidente, a do dia 28 de janeiro de 1897, sétima e última sessão preparatória, com eleição da diretoria. Compareceram a ela, instalando a Academia, dezesseis escritores, a exemplo de Araripe Júnior e Graça Aranha, e a sessão do dia 20 de julho de 1826, realizada em uma sala do *Pedagogium*, que serviu como encontro inaugural da Academia Brasileira de Letras. Finalmente o espaço que foi debatido e idealizado por alguns escritores estava criado, entre os 40 primeiros patronos estavam os seguintes nomes:

A 28 de janeiro de 1897, realizou-se a sétima e última sessão preparatória, com eleição da diretoria. Compareceram a ela, instalando a Academia, dezesseis escritores: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Teixeira de Melo e Visconde de Taunay. Nas sessões anteriores haviam comparecido também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luiz Murat e Valentim Magalhães. E foram convidados Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, o conselheiro Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, que aceitaram o convite e a honra. Eram trinta membros. Havia mister completarem-se os quarenta, segundo o modelo da Academia Francesa. Foi o que fizeram os dezesseis presentes à sessão, elegendo os dez seguintes: Aluísio Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Beviláqua, Domício da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça. (Anuário, 2017, p. 17).

Ao atentarmos para os nomes dos patronos, nota-se um fato no mínimo interessante: a ausência completa de escritoras ou mulheres intelectuais da época, aspecto este que tinha um motivo: seguindo os moldes da Academia Francesa, a ABL proibiu o ingresso de mulheres na instituição. Tal aspecto só foi alterado pela Academia Brasileira em 1977, que delongou impressionantes 80 anos desde sua fundação, para ter uma de suas cadeiras ocupadas por mulheres.

Nesse sentido, segundo Fanini (2010) o projeto de inauguração a partir da qual a ABL foi criada, assegurou-lhe uma compleição marcadamente androcêntrica, aspecto que permaneceu inalterado ao longo das oito décadas, fazendo com que a elegibilidade feminina, mesmo que tenha feito parte das pautas de algumas das incontáveis sessões dos acadêmicos, foi mantida fora de cogitação ao longo do tempo mencionado.

Além disso, podemos considerar que “historicamente falando, sempre foi imposta à mulher o discurso dominante e patriarcal, que reforçou a inferioridade feminina, principalmente no campo intelectual” (Bernardino, 2018, p. 13). Logo, ao privilegiar a presença masculina em seu quadro de imortais e demarcar a ilegibilidade de mulheres, a Academia Brasileira de Letras reforçava a concepção, infelizmente, de que a produção literária de alta qualidade era um domínio e produto essencialmente fabricado por homens.

Nesse cenário, onde a instituição que deveria preservar a literatura brasileira independente do sexo, mas na verdade, afastava e excluía escritoras, destacam-se o caso das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Amélia de Freitas Beviláqua, Rachel de Queiroz e Nélida Piñon que exemplificam a trajetória feminina na ABL desde o afastamento feminino no início da instituição, até a primeira mulher presidente.

No primeiro caso, Júlia foi a única mulher a participar da criação da Academia de Letras no Brasil, entretanto, a autora carioca foi impedida de ingressar na entidade espelhada na Academia Francesa, pela justificativa de que a vocação literária era prerrogativa masculina. Já Amélia de Freitas, foi a primeira a candidatar-se a uma vaga na Academia Brasileira, todavia “teve sua candidatura rejeitada por ser mulher. A maioria dos imortais acreditava que somente homens deveriam ser aceitos, de acordo com os Estatutos da instituição” (Silva, 2024, p. 5). Já Rachel de Queiroz foi a autora escolhida para quebrar o ciclo de afastamento feminino na ABL, tornando-se em 1977 a primeira mulher a entrar para o quadro de imortais e Nélida Piñon em 1996 nomeada como primeira mulher a presidir a Casa de Machado de Assis.

Diante disso, o presente trabalho tem por intuito estudar a trajetória das mulheres na Academia Brasileira de Letras, desde o afastamento e ilegibilidade, até a primeira presidente. Mais ainda, concordamos com Rocha (2017) que afirma que “as temáticas escolhidas perpassam a subjetividade de interesse e afinidade do pesquisador” (2017, p. 167). Nesse sentido, a temática selecionada para esta pesquisa perpassa pelo nosso interesse em investigar a participação das mulheres na ABL, uma

vez que esta é tida como um dos símbolos mais significativos da literatura nacional. Além disso, tendo em mente que infelizmente, muitas foram as mulheres escritoras que sofreram o apagamento e o esquecimento impostos pelo patriarcalismo de suas épocas, este artigo pretende analisar como já mencionado, a trajetória e inclusão feminina na Academia.

Para tal, escolhemos quatro escritoras que ponderamos ser representativas para compor o corpus investigativo desta pesquisa: Júlia Lopes de Almeida, Amélia de Freitas Beviláqua, Rachel de Queiroz e Nélida Piñon, com enfoque na inibição das duas primeiras literatas em assumirem uma vaga como imortais na ABL, e as contribuições deixadas para a instituição pelas duas últimas.

Adentrando agora as escolhas metodológicas para este estudo, segundo o autor Severino (2013), uma pesquisa pode ser classificada quanto a seus objetivos, como exploratória, descritiva ou explicativa. Para este trabalho, fez-se a escolha pela pesquisa exploratória por esta buscar “apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho” (Severino, 2013, p. 107), sendo o objeto da nossa pesquisa as escritoras Júlia Lopes, Amélia de Freitas, Rachel de Queiroz e Nélida Piñon, delineado a correlação das escritoras com a Academia Brasileira de Letras.

Outrossim, optou-se pela pesquisa bibliográfica por ela ser “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (Severino, 2013 p. 106). Logo, consideramos que textos já publicados, a exemplo de artigos científicos, sobre as quatro autoras mencionadas, bem como sobre estudos femininos, atuação de mulheres na ABL, entre outros, possam sustentar teoricamente esta pesquisa.

Júlia Lopes de Almeida

Nascida na data de 24 de setembro de 1862, na cidade do Rio de Janeiro, mesma localidade de seu falecimento no ano de 1934, Júlia Valentina da Silveira Lopes (nome de registro), era filha dos cultos portugueses – Valentim José Silveira Lopes (médico e professor) e de Antonia Adelina Lopes (musicista e pedagoga), filiação que lhe rendeu um ótimo ensino educacional, principalmente se comparamos com a educação ofertadas para as mulheres de sua época. Conforme Lemos (2020), Júlia foi alfabetizada sem sair de sua residência, por sua mãe e irmã mais velha Adelina, mesmo local onde estudou

música, línguas estrangeiras e leu obras clássicas da literatura portuguesa, francesa e inglesa, tendo ainda a convivência com a nata da intelectualidade da época, que era frequentadora assídua da casa de seus pais.

Em 1886, a escritora viaja para Portugal, país onde publica seu primeiro livro em parceria com a irmã Adelina – **Contos infantis**, obra “convertida em leitura obrigatória a partir de 1891 em todas as escolas primárias do Brasil” (Lemos, 2020, p.8). Foi ainda em solo português que Júlia reencontrou o poeta e jornalista português autodidata Filinto de Almeida, que conhecera em terras cariocas e com quem iria se casar logo após a publicação do livro **Traços e iluminuras**” (Lemos, 2020, p.9). Em 1887, e no ano seguinte em 1888, o casal retorna para o Rio de Janeiro onde Júlia de acordo com os autores Pessoa; Sepúlveda (2021), passa a assinar com o sobrenome de casada: Júlia Lopes de Almeida.

Júlia Lopes escreveu e contribui para vários jornais e periodicos de sua época, como nos informa Constancia Lima Duarte em **Impresa feminina e feminista no Brasil – século XIX** (2016), a exemplo do **Almanach das Senhoras, A estação, O corymbo, A família**, entre outras.

Autora de uma extensa produção literária, Júlia Lopes escreveu mais de 40 obras que foram editadas e publicadas em periódicos entre 1881 e 1934, entre Brasil, Portugal e França, como informa Pessoa; Sepúlveda, (2021), a exemplo das publicações **A falência, A família Medeiros, Cruel amor, Pássaro tonto, Ânsia eterna e A árvore** (em parceria com o filho Afonso Lopes de Almeida). Como romancista, a escritora de acordo com Bernardino (2018), usava muito de sua própria vida e de suas convicções sociais para escrever, procurando compreender a sociedade que estava a sua frente através da escrita e de como queria repassar isso a esta sociedade.

Diante de várias mudanças nessa sociedade, ainda conforme Bernardino (2018), a exemplo da instauração da República, a literata carioca procurava explorar assuntos que muitos procuravam ignorar, e principalmente, falava da mulher, do seu corpo e de seu jeito, de suas percepções, a mulher era várias vezes o foco ou contexto de suas obras. Prova disso, são as obras em que Júlia Lopes escreveu para o público feminino, ou ainda, obras que no próprio título destacam o protagonismo feminino das personagens como **A intrusa, A Viúva Simões, A Silveirinha, Livro das noivas, Livro das donas e donzelas**.

Sua colaboração com a Academia de Letras, inicia-se conforme Fanini (2009), no ano de 1895, quando Júlia Lopes se estabelece com a família no Rio de Janeiro, mudando

se, no início do século XX, para uma chácara em Santa Tereza, que abrigava o chamado salão verde, um dos pontos de encontro da intelectualidade carioca do que também ficou conhecido como um “lar de artistas”, expressão cunhada por João do Rio. Dessa forma:

As discussões inaugurais que culminaram na criação da ABL, em 1897, tiveram a residência dos Almeida como um dos pontos de encontro, tendo sediado algumas das discussões e debates acerca da compleição que viria a caracterizar a agremiação. Os anfitriões, Júlia Lopes e Filinto de Almeida, estavam, pois, absortos com o projeto, tendo-se revelado grandes articuladores da etapa que definiu os traçados iniciais daquela que viria a ser a “Casa de Machado de Assis” (ELEUTÉRIO, 2005; MOREIRA, 2003). Tendo isto em vista, e dado o peso literário que Júlia Lopes possuía, Lúcio de Mendonça, em artigo publicado no Estado de S. Paulo, datado de 3 de dezembro de 1896, toma a iniciativa e sugere o oferecimento de uma Cadeira à escritora que, à época, já havia publicado cinco livros, para figurar entre os membros fundadores da agremiação. (Fanini, 2009, p. 324, 325)

Entretanto, conforme a autora Fanini (2009), mostraram-se favoráveis à proposta de Mendonça, por razões óbvias, apenas os intelectuais Filinto de Almeida, Valentim Magalhães e José Veríssimo. Tais apoios foram, como esperado, insuficientes para fazer frente às contestações apresentadas pelos demais “homens de letras”, visto que a aceitação da indicação do nome de Júlia Lopes de Almeida sugeriria acolher na instituição uma mulher, algo inesperado e indesejável para a época, já que, sobre o “segundo sexo” pesava o fardo de ser “essencialmente inferior” ao homem.

Em consonância com o assunto, Heloisa Buarque de Hollanda (2019), pontua que apesar de Júlia Lopes na época ser uma romancista bastante respeitada e reconhecida, ao ser cogitada para figurar entre os fundadores da ABL, a ideia foi rejeitada pela maioria conservadora dos participantes da Academia. No lugar da escritora carioca, conforme a pesquisadora, ficou seu marido, Filinto de Almeida, que fazia versos de mérito relativo e não era “brasileiro nato”. Filinto era português, mas revelou um senso crítico e de humor, ao intitular-se “acadêmico-consorte”.

Hollanda (2019) ainda comenta que Júlia Lopes de Almeida, não protestou contra a decisão da Academia Brasileira, muito provavelmente, por sua extrema modéstia ou por ter preferido que a honra recaísse sobre seu marido. Postura que segundo a estudiosa, é no mínimo prudente em um período em que as mulheres eram admitidas excepcionalmente.

Isto posto, cabe a ressalva que a reprovação de Júlia Lopes de Almeida para uma vaga na ABL mesmo a escritora sendo possuidora de prestígio literário na época e tendo

participado da criação da instituição, está diretamente ligado ao fato de Júlia ser mulher, uma vez que de acordo com Lemos (2020), apesar de Júlia Lopes ter sido uma das mentoras da criação da ABL, que impulsionou a valorização do fazer literário e contribuiu para a profissionalização dessa atividade num meio de cultural hostil, por ser mulher, a escritora foi impedida de ingressar na entidade que espelhava-se na Academia Francesa, para a qual a vocação literária era prerrogativa masculina.

Amélia de Freitas Bevilaqua

Filha do Desembargador José Manuel de Freitas e Teresa Carolina da Silva Freitas, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua nasceu em 7 de agosto de 1860 na cidade de Jerumenha no estado do Piauí. Ainda criança Amélia e sua família se mudam para São Luís no Maranhão em virtude do trabalho do pai que era juiz de direito, mesmo local onde inicia sua educação que será concluída em Pernambuco, ensino este que será muito diferente das mulheres de sua época, dado que a escritora “tivera professor particular para ensinar-lhe a escrita e a matemática, assim como para desenvolver-lhe o hábito da escrita” (Silva, 2014, p. 140).

Segundo Mendes (2006), Amélia de Freitas iniciou cedo sua vida literária, quando ainda era estudante em São Luiz, onde colaborou com o jornal do colégio, publicando contos e poesias. Em 1889, publicou trabalhos em jornais de Recife e São Paulo, além de ter atuado como redatora da **Revista Lyrio** de Recife no ano de 1902.

No tocante ao seu fazer como escritora, Amélia Carolina produziu uma considerável produção literária que abrange romances, poesias, crônicas e contos, a exemplo de **Através da vida, Angústia, Açucena, Jornada pela infância, Flor do orfanato, Silhouetes, Jeannete, Contra a Sorte**, entre outras. Como autora, conforme Silva (2014), Amélia se propôs a criar obras que não fizesse as tradicionais concessões da literatura típica da época, escrita pelas mulheres e dedicadas ao gênero feminino, não reduzindo seus textos a folhetins romanescos afrancesados, com mulheres submissas e limitadas ao posto de mães e esposas, ao contrário, sendo recorrente em seus escritos, temas como paixão, angústia e insatisfação com a realidade.

Em 1883 Amélia Beviláqua casa-se com o advogado Clóvis Beviláqua. Após o casamento, o casal reside em algumas cidades até chegarem em 1906, na cidade do Rio de Janeiro, local onde fixam moradia e onde a escritora faleceu em 17 de novembro de

1946. A disputa de Amélia Carolina por uma cadeira na Academia Brasileira de Letras inicia-se com o falecimento de Alfredo Pujol em 1930, deixando assim, uma vaga na agremiação. Dessa forma, com a vaga em aberto:

Com a cadeira vaga, a imprensa noticiou os questionamentos em torno do seu preenchimento. Como sugestão de amigos intelectuais, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua escreveu ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Aloísio de Castro solicitando sua inscrição, como consta na edição do Jornal do Brasil de junho de 1930, que esclareceu que D. Amélia de Freitas Beviláqua escrevera uma carta a Academia, pretendendo candidatar-se a vaga de Alfredo Pujol (Lima, 2017, p. 113)

Diante da candidatura, Amélia de Freitas transforma-se na primeira mulher a concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Entretanto, consoante a Silva (2024) a literata teve sua candidatura rejeitada apenas por ser mulher, pois a maioria dos imortais acreditava que somente homens deveriam ser aceitos conforme os estatutos da instituição.

Dessa forma, a trajetória de Amélia de Freitas e Júlia Lopes se entrecruzam, pois as duas literatas tiveram suas candidaturas negadas por serem mulheres, em função do que a maioria dos imortais da ABL acreditava que somente homens deveriam ser aceitos na instituição. Além disso, como discorrido por Silva (2014), embora a escritora natural do Piauí justificasse sua candidatura a partir de sua significativa produção literária e jornalística, além de ter sido fundadora de uma das primeiras revistas escritas mensais feita de modo exclusivo por mulheres e destinada a mulheres, a inscrição de Amélia foi tratada pelos imortais da ABL de maneira superficial e misógina.

Outrossim, a candidatura de Amélia Beviláqua movimentou de maneira significativa a Academia Brasileira de Letras, prova disso, foi a interpretação dada pela maioria dos acadêmicos ao Artigo 2 presente no estatuto da época da instituição. Segundo o artigo, “só podem ser membros efetivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livro de valor literário” (Academia Brasileira de Letras, 1897). Dessa forma, tomando como base esse artigo, a maioria dos membros da Academia usou como argumento para não aceitação da candidatura de Amélia Beviláqua, a alegação de que o termo brasileiros referia-se apenas aos homens.

Assim, no que se refere ao Artigo 2, Rocha (2017) comenta que o pedido de inscrição de Amélia Beviláqua provocou uma discussão sobre o regimento da Academia

Brasileira, especificamente sobre a classificação de brasileiros. O primeiro aspecto, segundo a autora, é considerar que o uso do plural no masculino para se referir a um coletivo de indivíduos resulta no apagamento do gênero feminino, e segundo aspecto é que isso oculta uma relação de poder, alicerçada no domínio masculino na família e nas diversas instituições da sociedade.

Isto posto, ficava claro o pensamento da ABL, ou pelo menos o pensamento da maioria dos imortais: o prestígio, o reconhecimento e a imortalidade na Academia, deveriam ser destinados exclusivamente aos homens. Mais ainda, ao vetarem qualquer brecha para o inserimento feminino na Academia Brasileira, a instituição reforçava o pensamento de que a literatura brasileira de qualidade era produzida apenas pelos homens, o que acabava por refletir o patriarcalismo da época.

Dessarte, toda essa movimentação causada pela candidatura de Amélia de Freitas, levou a escritora a escrever e publicar a obra **A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Bevilacqua: documentos histórico-literários**, composta de 24 capítulos desenvolvidos ao longo de 187 páginas, que de acordo com Fanni (2010), exprimiram o posicionamento de Amélia Beviláqua frente a sua inadmissão como candidata à disputa por uma cadeira na Academia, além de trazer um compilado, selecionado pela própria escritora, de discursos e artigos de diversos autores, que versavam sobre o veto, todos veiculados pela imprensa da época.

Rachel de Queiroz

A escritora cearense Rachel de Queiroz nasceu na cidade de Fortaleza em 17 de novembro de 1910, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro na data de 4 de novembro de 2003. Filha de Daniel de Queirós e de Clotilde Franklin de Queirós, Rachel pelo lado materno, possui laços de filiação com a família dos Alencar, sendo assim, parente do autor José de Alencar. Segundo dados da Academia Brasileira de Letras (2017), em 1917, a escritora vem para o Rio de Janeiro, em companhia dos pais que buscavam nessa migração, fugir dos horrores provocados pela terrível seca de 1915, que mais tarde a romancista iria utilizar como tema de **O Quinze**, sua obra de estréia. Em solo carioca, a família Queirós pouco tempo viveu, retornando logo a seguir para Belém do Pará, onde residiu por dois anos.

Ainda conforme a Academia Brasileira de Letras (2017), no ano de 1919, Rachel de Queiroz regressou para Fortaleza e no de 1921, matriculou-se no Colégio da Imaculada Conceição, local onde fez o curso normal, diplomando-se em 1925, aos 15 anos de idade.

No campo jornalístico, a escritora do Ceará, inicia sua trajetória, segundo Edmílson Caminha em **Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixe** (2010), em 1927 como colaboradora do jornal **O Ceará**, em Fortaleza, sob o pseudônimo Rita de Queluz, publicando ainda no **O Jornal**, **Correio da Manhã**, **Diário de Notícias**, **Última Hora**, **Jornal do Commercio** e a revista **O Cruzeiro**, todos no Rio de Janeiro, jornal **O Povo** em Fortaleza, **Diário da Tarde** em Belo Horizonte, **Diário de Pernambuco** em Recife e **O Estado de S. Paulo**, na cidade de São Paulo.

Já como romancista, Rachel de Queiroz faz sua estreia em 1930 com a obra **O Quinze**, narrativa que na opinião de Caminha (2010), revelava que a escritora cearense dominava os três elementos principais da ficção de longo curso: a composição dos personagens, o desenvolvimento da narrativa e o trabalho com o tempo, além de que Rachel confirmava com sua obra inaugural, o romance do Nordeste como uma das mais ricas e substanciosas vertentes da literatura brasileira no século XX.

A partir desse ano, a década de 1930 foi para Rachel de Queiroz um ano marcado pela quantidade significativa de obras romanesca publicadas, **João Miguel** em 1932, **Caminho de pedras** em 1937 e **As três Marias** no final da década em 1939, publicações com temáticas centrais nitidamente distintas, mas que se conectam por algum aspecto e elemento narrativo ligado ao Nordeste brasileiro, principalmente por estarem inseridos no que parte da crítica cunhou como Romance regionalista de 1930.

Nesse contexto, vale lembrar que Rachel era uma escritora muito nova nessa sua primeira fase, tinha apenas 20 anos de idade quando publicou **O Quinze**, idade que fez com que muitos duvidassem que a escritora cearense fosse a autora da obra. Contudo, o que de fato importava, era que os 4 primeiros romances publicados por Rachel de Queiroz, como nos lembra Guedes (2022), eram objetos de grande interesse e elogios por parte da crítica, sendo criações de alto valor literário em meio a um dos períodos mais prolíficos da nossa historiografia, se destacando também, por serem assinados por uma mulher.

Outro aspecto interessante sobre os romances escritos pela literata cearense, é o fato que “serão as mulheres a ocupar o centro da ficção de Rachel de Queiroz. Posição de

destaque que se mostrará ainda mais evidente desde os títulos dos romances que viriam” (Guedes, 2022, p. 188). Em **O Quinze** (1930) a personagem Conceição que ganha visibilidade. Na obra **Caminho de Pedras** (1937) o destaque fica com Noemi, em **As três Marias** (1939), a história se desdobra sobre a vida de três amigas: Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José, já em **Dôra, Doralina** (1975), a história recai sobre Maria das Dores, e no **Memorial de Maria Moura** (1992), o protagonismo fica com a personagem que nomeia a história.

Adentrando a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras, a eleição de Rachel de Queiroz, inicia-se no ano de 1976, de acordo com estudo de Fanini (2009), com a mudança proposta por Osvaldo Orico, ao recomendar a supressão do aposto “do sexo masculino”, postulando assim a transformação da emenda restritiva em aditiva, levando a admissão de mulheres.

Dessa forma, continuando com a pesquisa de Fanini (2009) na sessão realizada em 14 de outubro de 1976, o presidente da época da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo Athayde, submete para votação a proposta levantada, proposta essa aprovada, levando oficialmente a elegibilidade feminina.

No ano seguinte, em 1977, fica em aberto, a vaga deixada pelo ensaísta e magistrado Candido Motta Filho, ocupante da Cadeira 5 da instituição, cadeira que tem por fundador o escritor Raimundo Correia. Agora com a possibilidade de mulheres fazerem parte da instituição, Rachel de Queiroz no dia 07 de abril envia para a Academia, a carta oficializando sua candidatura. Praticamente dois meses depois, na data de 04 de agosto de 1977, a Academia Brasileira de Letras depois de impressionantes 80 anos desde sua fundação, elege como imortal a primeira mulher de sua história. Em votação única, com 23 votos a favor, 13 contra e 1 voto em branco, e vencendo um concorrente homem – Pontes de Miranda, Rachel de Queiroz quebra o ciclo de afastamento feminino da ABL.

Na sessão realizada no dia 04 de novembro de 1977, a escritora nordestina tomou posse como nova imortal na Academia Brasileira, sendo recebida pelo acadêmico Adonias Filho, que afirmou no discurso de recepção que “o vosso lugar nesta Casa, pois, não é apenas vosso. É também e sobretudo da Literatura Brasileira, porque ninguém a serviu melhor que vós, Sra. Rachel de Queiroz, com talento e amor, respeito e dignidade” (Filho, 1997).

Já Rachel no seu discurso de posse “evoca a infância, para dizer dos primeiros contatos com a poesia e a literatura” (Caminha, 2010, p. 33). Rachel de Queiroz, ao discursar além de trazer à memória aqueles que já foram ocupantes da quinta cadeira, a exemplo do poeta parnasiano Raimundo Correia e o escritor Bernardo Guimarães, agora ocupada por ela, vai também, ao longo do seu discurso, relembrando seu caminho com a literatura: “Já reconhecestes na encantação rezada pela moça o poema inesquecível. E na adolescente que se tenta fazer bruxa daquele culto lunar, permiti que vos apresente a velha senhora de hoje tentando desvendar os seu laços antigos com o poema e com o altíssimo poeta (Queiroz, 1977).

Por ser a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, Rachel de Queiroz foi a responsável por definir o modelo de fardão feminino usado pelas mulheres imortais. Sobre o assunto, Heloisa Buarque de Hollanda (2019), afirma que o presidente da instituição da época, Austregésilo Athayde, por ser mais liberal, encomendou à própria escritora algumas pesquisas em torno do fardão.

Ainda conforme Hollanda (2019), após uma série de palpites sobre o uniforme que a nova imortal usaria (traje que também passou a ser utilizado pelas escritoras eleitas depois de Queiroz), a versão final e aprovada por Rachel foi a produzida por Silvia Souza Dantas, um vestido simples, na cor verde acadêmico, longo reto, com decote em V e mangas bocas de sino. Do fardão original, foram utilizadas somente as folhas de carvalho bordadas em fio dourado, reproduzidas pelas bordadeiras da Academia. No dia de posse, Rachel de Queiroz, utilizou um colar de ouro maciço, presenteado pelo Governo do Ceará, fugindo da regra dos colares masculinos que eram todos em prata dourada.

Todavia, a inserção de Rachel de Queiroz na ABL foi marcada por tensões e certas resistências que além de refletir as condições de gênero presentes no contexto literário e institucional da época, fizeram com que a candidatura da escritora nordestina fosse muito marcada pelo componente de gênero.

Tomando como base o estudo de Guedes (2022), a candidatura de Rachel de Queiroz gerou reações totalmente reacionárias vindas por parte de homens intelectuais da época, como o historiador Pedro Calmon que ao deixar a ABL (sessão que elegeu a escritora), disse ao **Jornal do Commercio**: “votoi contra, sou voto vencido. A Academia passou 80 anos sem admitir mulheres e poderia continuar assim” (Jornal do Commercio, 1977, p. 1 apud Guedes, 2022, p. 196).

Outro exemplo, foi a declaração dada pelo Deputado mineiro Tarcísio Delgado, que afirmou que “Rachel de Queiroz ganhar de Pontes de Miranda é algo que humilha o Brasil.” (Jornal do Brasil, 1977, p. 16 apud Guedes, 2022, p. 198). Porém, tais “opiniões” nada mais são que um espelho que refletia e reverberava, o pensamento misógino e patriarcal que as mulheres do período enfrentavam.

Outrossim, Mello (2011) chama a atenção para a postura da própria Rachel de Queiroz, que negou a sua eleição como uma vitória das mulheres, ao adotar uma postura anti-feminista. Nessa conjectura:

Em O Globo, em 5 de agosto de 1977, a autora declara: “como não sou feminista, não posso estender esta vitória de uma única escritora a todas as mulheres. Entendo sim, que Na mesma reportagem, declara: “Escrevo para ganhar dinheiro. Se pudesse, nem assinava o nome. A verdade é que eu não sou romancista. Sou boa dona de casa, melhor cozinheira que escritora”. Em 4 de novembro de 1977, no Última Hora, a autora declara mais uma vez que sua posição anti-feminista: “Eu comparo essa rebelião feminina ao que aconteceu com o Concílio Vaticano Segundo. Uma sede de liberdade que embriagou um pouco. (...) Eu espero que as mulheres voltem aos trilhos e ao sentimento de uma feminilidade que é biológico. O que as mulheres não entendem é que estão sendo mulheres e homens ao mesmo tempo. Isso tudo me deixa muito chocada”. (Mello, 2011, p. 11, 12).

Frente ao exposto, a eleição de Rachel de Queiroz aliada às atitudes reacionárias de alguns intelectuais e a posição contra feminista da escritora, nos leva a concordar com Mello (2011) que aponta que a entrada da escritora nordestina para a ABL foi fortemente marcada pelo questão de gênero. Dessa forma, muitos foram os questionamentos em torno de sua candidatura; entre seus opositores estavam os contrários à entrada de mulheres na instituição, os favoráveis que defendiam outras candidaturas femininas e os partidários do outro candidato a vaga, que fizeram o possível para desqualificar os méritos literários da autora.

Nélida Piñon

Antes de adentrarmos a participação de Nélida Piñon na Academia Brasileira de Letras, trazemos uma breve biografia da autora, para isso, tomamos como base o estudo de Amorim (2015). Nélida Cuiñas Piñon nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, filha de Olivia Carmen Cuiñas Piñon e Lino Piñon Muiños, família originária de Cotobade na Galícia, radicada no Brasil desde a década de 1920. Aos dez

anos de idade a jovem viaja com a família para a Galícia, onde viveram por dois anos. Nesse período, Nélida conviveu em meio à realidade das aldeias, ouvindo as lendas locais e desbravando o monte Pé da Múa, recebendo importante influência em sua formação e em sua obra.

De volta ao Brasil, a família fixou moradia na cidade do Rio de Janeiro. Anos depois, a escritora graduou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no ano de 1970, inaugurou a disciplina de Criação Literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como romancista, Nélida Piñon “irrompeu na literatura de língua portuguesa como um raio de luz forte que ilumina inesperados lados da realidade humana. Nélida é uma escritora notável e ao mesmo tempo uma artista do pensamento” (Rita; Franco; Real; 2019. p; 171). Sua estreia no cenário literário aconteceu com **Guia-mapa de Gabriel Arcanjo**, no ano de 1961. Nos anos seguintes, a escritora publica mais algumas obras: **Madeira feito cruz** (1963), **Tempo das frutas** (1966) e **Fundador** (1969).

Em 1972, Nélida traz para o público **A casa da paixão**, livro com boa recepção crítica e que a leva receber o Prêmio Mário de Andrade como o melhor livro de ficção do ano, e no ano de 1984, a autora publica aquele que é considerado o mais importante de sua produção literária: **A república dos sonhos**. Além das obras já citadas, a escritora publicou vários outros livros, como **A Doce Canção de Caetana** (1987), **O Pão de Cada Dia** (1994), **A Roda do Vento** (1996), **Até Amanhã, Outra Vez** (1999), entre outras, que fizeram da autora dona de uma vasta bibliografia.

Nos seus romances, Pardo (2023), nos esclarece que a escritora brasileira mostrou numerosas e diversas marcas (pessoais e literárias). Além disso:

Uma voz de escritora que mostrou numerosas e diversas marcas (pessoais e literárias) de sua condição de mulher, ao longo de uma trajetória literária de mais de seis décadas, e cujas lembranças ecoam em dois de seus livros de caráter biográfico: *Coração andarilho* (2009) e *Livro das Horas* (2012). A autora de obras que abordam o erotismo a partir da perspectiva da mulher –publicadas em momentos muito diferentes da história sócio-política do Brasil- como *A casa da paixão* (ACP, 1972) e *Vozes do deserto* (2004) é também a escritora dos contos “Ave de Paraíso” e “Colheita” de *Sala de Armas* (1973) ou “I love my husband” e “O revólver da paixão” de *O Calor das Coisas* (1980), em que aborda a situação da mulher no espaço doméstico (Pardo, 2023, p. 38).

Outrossim, Pardo (2023), também discorre que as protagonistas produzidas por Nélida em seus textos, podem ser rebeldes como a personagem Esperança de **A**

República dos Sonhos, distraídas como a Ana de **Madeira feita cruz**, submissas como Antonia **A República dos Sonhos** ou decididas como a Breta de **A República dos Sonhos**.

Na trajetória de Nélida Piñon, de acordo com o site da Academia Brasileira de Letras, pode se destacar as suas conquistas em que figura como o primeiro escritor de língua portuguesa, a primeira mulher, ou ainda, a primeira brasileira, tais como: Prêmio de Literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo para o conjunto de suas obras (primeiro autor de língua portuguesa e primeira mulher a receber o prêmio, em 1995), Prêmio Ibero-Americano de Narrativa Jorge Isaacs para conjunto de obras (primeiro autor de língua portuguesa e primeira mulher a receber o prêmio, em 2001) e o XVII Prêmio Internacional Menéndez Pelayo (primeiro autor de língua portuguesa e primeira mulher a receber este prêmio em 2003). Tantas foram as premiações em que a escritora brasileira configurou-se como pioneira tanto como primeira autora de Língua Portuguesa e primeira mulher a receber o prêmio, que falta-nos espaço para citar todos eles¹.

Nélida Piñon ainda recebeu 7 títulos Honoris Causa (informações cedidas pelo site da Academia Brasileira): Doctor Honoris Causa da Université de Poitiers, França; Doctor Honoris Causa da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha; Doctor Honoris Causa da Florida Atlantic University, EUA; Doctor Honoris Causa da Universidade de Rutgers, EUA; Doctor Honoris Causa da Universidade de Montreal, Canadá; Doctor Honoris Causa da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Brasil; Doctor Honoris Causa da UNAM, México.

Como imortal, Nélida Piñon foi a quinta ocupante da Cadeira 30, sendo eleita em 27 de julho de 1989, sucedendo a vaga deixada por Aurélio Buarque de Holanda e tomando posse de sua cadeira, na data de 3 de maio de 1990, onde é recebido pelo Acadêmico Lêdo Ivo. No seu discurso de posse, a escritora evidenciou sua relação de afeto com o Brasil e com a Língua Portuguesa, “mas foi na Língua Portuguesa que encontrei pouso e graça” (Piñon, 1990). Nas palavras de Nélida:

Muitas vezes confessei que sou brasileira recente. Minha família, no Brasil, é mais jovem que as palmeiras imperiais do Jardim Botânico. Carrego comigo a sensação de haver, eu mesma, desembarcado na Praça Mauá, no início do século, no lugar dos meus avós, em busca da aventura brasileira, a única saga que ainda hoje estremece meu coração.

¹Para consultar todas as premiações que Nélida Piñon recebeu acessar a biografia da autora no site da Academia Brasileira de letras: <https://www.academia.org.br/academicos/Nélida-Piñon/biografia>.

Temo, muitas vezes, haver chegado ao Brasil com irreparável atraso, não podendo, por isso, contar com uma memória familiar que me permita ir, com a frequência desejada, ao nóculo da nossa História e conhecer seus recônditos segredos, bater à porta do nosso advento e recolher os fios de ouro da narrativa brasileira, ali embaralhados para sempre (Piñon, 1990).

A nova imortal também menciona sobre a origem galega de seus familiares, como seus avós, Amada e Daniel, e seu pai Lino, todos eles originários de uma Galícia, que segundo a escritora era povoada de lendas e de seres ansiosos por partir para longe e marcados, ao mesmo tempo, pelo instinto da volta à terra.

Alguns anos depois, em 1996, um ano antes da comemoração pelo centenário de criação da ABL, a instituição em ato extremamente simbólico, firma de uma vez por todas o espaço das mulheres na agremiação, elege Nélida Piñon como a primeira mulher a presidir a Casa de Machado de Assis. Dessa forma, a escritora brasileira “ao ser eleita a primeira mulher presidente da Academia Brasileira de Letras é como se as previsões passadas se revelassem, abrindo as portas de um universo, durante muito tempo apenas masculino, para o saber conquistado por essa mulher” (Quintana, 2011, p. 7).

Ao tomar posse como nova presidente da Academia Brasileira, em 12 de dezembro de 1996, Nélida Piñon no seu discurso de posse, não deixa de refletir sobre o seu estado enquanto escritora: “recentemente, no México, revelei que o Brasil era minha morada e que eu tinha gosto em servir à literatura com memória e corpo de mulher” (Piñon, 1996), e sobre a condição feminina:

É como mulher, escritora, cidadã brasileira que hoje, com a ajuda de Deus, dos brasileiros amantes das causas nobres, dos membros desta Casa, que libertos de preconceitos confiaram na minha condição feminina, assumo, comovida, a presidência da Academia Brasileira de Letras (Piñon, 1996)

Em entrevista para os autores Rita; Franco; Real (2019), Nélida Piñon reflete sobre seu cargo como presidente da Academia Brasileira e como foi presidir as comemorações em torno do centenário da instituição. Nas palavras da autora:

Coube-me um duplo exercício. A presidência comum e a presidência do Centenário, que demandou amplos festejos, discursos, atos públicos, inaugurações, a renovação do seu espírito. Havia que conciliar ambas funções. E fazer com que o Brasil se desse conta do significado simbólico desta instituição no imaginário brasileiro (...)

Na presidência, além de abrir a Casa para a sociedade através de inúmeras iniciativas culturais, tais como a implantação do Centro de Memória, os ciclos de palestras nacionais e internacionais, o ciclo de música popular e erudita, as publicações, o programa Visita Guiada, um sucesso ainda hoje, após 24 anos, em

que estudantes e público em geral visitam as dependências da instituição guiados por atores, cantores, especialistas, que detalham sua trajetória histórica (Piñon, 2019, p. 172 e 173).

Nélida Piñon (2019), também pontua que na presidência, teve o propósito de fazer o Centenário da ABL gravitar em torno da Língua Portuguesa, atributo máximo brasileiro, além da literatura nacional. Carecia, segundo a escritora, rastrear a língua através da convocação de escritores, líderes políticos, países que falavam a língua lusa, ao longo de sua genealogia, a exemplo do galego.

Dessarte, a autora brasileira comenta que seu mandato embora curto, (Nélida não aceitei renová-lo), provou ser a mulher capaz de assumir tantas e difíceis responsabilidades, de representar a instituição em que plano e circunstância que fossem, seja discursando no Senado, na Câmara, e em todos os púlpitos do país, assumindo assim obrigações inerentes ao cargo.

Mais ainda, segundo Nélida, para a já citada entrevista para os autores Rita; Franco; Real (2019), afirma que no exercício presidencial, cresceu como pessoa, aperfeiçoou seu entendimento do país a partir de suas raízes tão complexas. Para a escritora, “pareceu-me haver apagado da memória afetiva a frase: sou uma brasileira recente:, que pronunciei ao tomar posse na cadeira 30, da ABL, em 3 de maio de 1990. Deixei para trás esta convicção para assumir outra em seu lugar: sou uma brasileira de todos os séculos” (Piñon, 2019, p. 173)

Considerações finais.

O delineamento desta pesquisa, teve por intuito traçar por meio das escritoras Júlia Lopes de Almeida, Amelia de Freitas Bevilacqua, Rachel de Queiroz e Nélida Piñon, a trajetória feminina na Academia Brasileira de Letras. Dessa forma, verificou-se a importância das 4 escritoras tanto para a literatura de âmbito nacional, como para literatura de autoria feminina brasileira, haja vista que cada uma delas deixou uma contribuição diferente.

Através da exposição aqui feita, também é possível afirmar que a Academia Brasileira, durante os 80 anos que proibiu a entrada de mulheres para o quadro de imortais da instituição, não estava apenas blindando as escritoras de adentrar em um espaço que deveria preservar e imortalizar a literatura nacional independente do

gênero, contribuiu para que autoras caíssem no esquecimento, e conseqüentemente, afastamento de suas obras do cânone literário."

Mais ainda, a Casa de Machado de Assis ao dar "seguidas provas públicas da escrita da mulher não se credenciar para ocupar seus gloriosos escaninhos" (Piñon, 2019, p. 172), a exemplo da interpretação dada ao artigo 2 da instituição, mas estavam também, colaborou com o discurso machista e androcêntrico de que apenas autores do sexo masculino seriam responsáveis pela produção da literatura brasileira de qualidade.

Isto posto, a Academia Brasileira de Letras, ao negar uma vaga a Júlia Lopes na instituição, mesmo a escritora tendo participado efetivamente da criação da Academia e décadas depois, negou uma cadeira a Amélia Beviláqua, "interditou as que aspiravam o ingresso em suas hostes" (Piñon, 2019, p. 172).

Nesse contexto, Júlia Lopes e Amélia de Freitas, ainda que suas candidaturas tenham sido negadas (mesmo as escritoras obtendo reconhecimento em suas épocas e serem possuidoras de produções literárias significativas), deixaram um legado de coragem e resiliência ao se colocarem como escritoras e jornalistas em um meio misógino que considerava a literatura prática de dominação masculina.

No caso da eleição da escritora Rachel de Queiroz para a ABL, apesar do posição anti-feminista da escritora e das posições sexistas de alguns intelectuais, configura-se uma vitória de grande importância para a literatura de autoria feminina nacional. Não foi apenas uma simples eleição, mas a quebra de um paradigma de exclusão que perdurou tristes e longos 80 anos. Mais ainda, foi a partir da eleição de Rachel em 1977, que as mulheres puderam fazer parte de uma instituição que desde sua fundação deveria ter suas portas abertas para as mulheres.

Já com a eleição e posterior presidência de Nélida Piñon, a Academia Brasileira de Letras atingiu um dos momentos mais marcantes e gloriosos de sua história. Nélida como primeira mulher a presidir a Academia e presidir também as comemorações do centenário, abriu de uma vez por todas, para as escritoras, as portas de uma instituição que por muitas vezes e por muito tempo, esteve totalmente fechada para as mulheres. Mais ainda, Nélida Piñon ao aproximar a Casa de Machado de Assis da abrir para o restante da sociedade, através das várias iniciativas culturais que implantou na sua gestão, a escritora provou que as mulheres são capazes de assumirem e executarem com excelência, numerosas, difíceis e desafiadoras responsabilidades.

Além disso, consideramos que ao revisitarmos a vida e atuação de Júlia Lopes, Amélia de Freitas, Rachel de Queiroz e Nélida Piñon, temos a possibilidade de “enxergar todo um corpo social. Um contexto onde se percebem os primeiros passos de uma abertura para a atuação feminina em frentes de poder legitimamente, como se dizia, pertencentes ao homem” (Lima, 2017, p. 14).

Portanto, mediante todo o exposto aqui levantado, na ousadia de Júlia, Amélia, Rachel e Nélida, em quebrar barreiras e obstáculos impostos pelo patriarcado, bem como em usarem seus espaços (sejam eles literários, sociais e acadêmicos) para a importância dos direitos e da emancipação das mulheres, não apenas colaboram com a transformação do meio social de suas épocas, mas também, movimentam a sociedade que estavam inseridas, suscitaram debates acerca do espaço feminino na literatura e sobre a profissionalização da literatura produzida pelo gênero feminino. São por esses e outros motivos que as 4 escritoras aqui estudadas, são escritoras de “quem não podemos nos esquecer – ou melhor, de quem precisamos nos lembrar” (Gomes, Celi, 2019, p. 357).

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Anuário (2012-2017)**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/publicacoes/anuario-2012-2017>. Acesso em: 10 maio de 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia Nélida Piñon**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/nelida-Piñon/biografia>. Acesso em: 10 maio de 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Biografia Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 08 maio de 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse Nélida Piñon**. Rio de Janeiro. 1990. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/nelida-Piñon/discurso-de-posse>. Acesso em: 10 maio de 2025.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse Nélida Piñon na Presidência da ABL**. Rio de Janeiro. 1996. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D290/Discurso%20de%20Posse%20na%20Presid%C3%AAncia%20da%20ABL>. Acesso em: 10 maio de 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de posse Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/discurso-de-posse>. Acesso em: 07 maio de 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Discurso de recepção por Adonias Filho**. Rio de Janeiro, 1977. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/discurso-de-recepcao>. Acesso em: 08 maio de 2025

AMORIM, Joyce Glenda Barros. **Amor, poder e violência em contos de Nélida Piñon**. 2015. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-9WVG5X>. Acesso em: 22 maio 2025

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Estatuto**. Rio de Janeiro. 1897. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academia/estatuto>. Acesso em: 07 maio de 2025

BERNARDINO, Renata Fonseca. **As escritoras na Academia Brasileira de Letras: a inserção da mulher na ABL na perspectiva do feminismo no Brasil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/11860?locale=pt_BR. Acesso em: 09 maio de 2025.

CAMINHA, Edmílson. **Rachel de Queiroz: a Senhora do Não Me Deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. Disponível em: <https://www.academia.org.br/abl/media/SEPARATA-Raquel%20de%20Queiroz-Edmilson%20Caminha-MIOLO-PARA%20INTERNET.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

CELI, Tamires.; GOMES, Wemerson Felipe. Júlia Lopes de Almeida: Lembrança e Esquecimento. **MOSAICO**, São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 343-360, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br:8080/xmlui/handle/123456789/>. Acesso em: 5 maio 2025. Acesso em: 2 maio 2025

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil - século XIX**. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2016.

EL FAR, Alessandra. **A encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FANINI, Michele Asmar. A (in) elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras: Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua. **Tempo social**, v. 22, p. 149-177, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/QMhJVD8X8SMrrVVNDLFDrWC/?lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2025

FANINI, Michele Asmar. **Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)**. 2009. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/pt-br.php>. Acesso em: 22 maio 2025

FANINI, Michele. Asmar. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: [https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article /view/1941](https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1941). Acesso em: 25 maio 2025

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **A roupa de Rachel: um estudo sem importância**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Versão eletrônica.

GUEDES, Taffarel Bandeira. A entrada de Rachel de Queiroz na Academia Brasileira de Letras: uma reconstituição jornalística da primeira imortalidade feminina. **REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS**, [S. l.], v. 1, n. 31, p. 187–208, 2022. DOI: 10.61389/revell.v1i31.6904. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/6904>. Acesso em: 28 maio. 2025.

LEMONS, Cleide. Apresentação. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2020. Versão e-book.

LIMA, Francisca das Chagas Melo. **No tempo das “sabichonas de saia”: Amélia Carolina de Freitas Beviláqua e as tensões em torno da escrita feminina no Brasil (1902-1940)**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí. Disponível em: <http://repositorio.ufpi.br:8080/xmlui/handle/123456789/>. Acesso em: 5 maio 2025

MELLO, Marisa Schincariol. Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia Brasileira de Letras. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH** - Associação Nacional de História. São Paulo: ANPUH SP, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856710_5b64701ed9eb8d971ff38de1de175615.pdf. Acesso em: 5 maio 2025

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006**. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2230>. Acesso em: 28 maio 2025. páginas 167 - 197.

PESSOA, Eurídice Hespanhol Macedo; SEPÚLVEDA, Denize. Júlia Lopes de Almeida e as mulheres brasileiras em finais dos oitocentos do século XX. **Communitas**, Rio Branco, v. 5, n. 9, p. 39–53, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/4713>. Acesso em: 12 maio. 2025.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013. Versão e-book

SILVA, Wilton Carlos Lima da. Amélia Beviláqua que era mulher de verdade: a memória construída da esposa de Clóvis Beviláqua. **INTERthesis**, v.11, n. 2, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2014v11n2p138>. Acesso em: 28 maio 2025

SILVA, Roberta Alcântara Gomes da. Amélia de Freitas Bevilacqua e a revista O Lyrio: família, casamento e condição da mulher no início do século XX no Brasil. In: **21º Encontro de História da ANPUH-Rio: História, Democracia, Igualdade e Diversidade**. AMOROSO, Mauro Henrique de Barros; REIS, Thiago de Souza dos (orgs), 21, 2024, Rio de Janeiro, Anais. Rio de Janeiro, 2024, ANPUH-Rio. Disponível em: [https://www.encontro2024.rj.anpuh.org/trabalho/view? ID_ TRABALHO](https://www.encontro2024.rj.anpuh.org/trabalho/view?ID_TRABALHO). Acesso em: 25 maio 2025

RITA, Annabela; FRANCO, José Eduardo; REAL, Miguel. Entrevista: Nélida Piñon. **E-letras com vida**, n.3, 2019, pp. 171-183. Disponível em: [https://e-lcv.online/index.php/ revista /article/view/92](https://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/92). Acesso em: 25 maio 2025

ROCHA, Olívia Candeia Lima. Flores Incultas e a Academia Brasileira de Letras: escritoras piauienses no contexto do feminismo no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. 2017. In: SILVA, Natali Fabiano Costa; CRUZ, Lua Gill da (organizadores). **Mulheres e a Literatura Brasileira**. Macapá: UNIFAP, 2017.

Data de submissão: 31/05/2025

Data de aceite: 14/10/2025